

JEAN MONNET SUPPLEMENT

Ano I • Número 05 – Novembro de 2016

EDITORIAL

A edição deste mês do *Suplemento Jean Monnet ao Boletim Análise Caeni* contém informações sobre as Jornadas Europeias realizado na Universidade de São Paulo, sob o tema geral da Europa em tempos de crise (Europe in times of crisis). É a oitava edição deste evento e foi organizada pelo Departamento de Direito Internacional e Comparado da Faculdade de Direito da USP, juntamente com a Cátedra Martius de Estudos Alemães e Europeus da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e patrocinada pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e pelo Centro Alemão de Ciência e Inovação em São Paulo (DWIH-SP).



Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

A equipe completa do Brasil-Caeni-UE esteve presente durante todo o evento, tanto como participantes quanto como palestrantes, e o projeto também patrocinou o almoço de abertura do evento, o qual ao todo durou 3 dias. Além disso, a Dra. Inglis organizou duas tardes de workshops com o Professor Rafael Diniz Pucci do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito (USP) sobre o tema "Enfrentar os Problemas Ambientais através das Políticas Públicas e Governança: Abordagens da UE e do Brasil". Este mês, relatamos os painéis sobre o Brexit, bem como sobre a cooperação multilateral Brasil-UE.

Dra. Kirstyn Inglis,

*Professora Visitante e Vice-Coordenadora do
Programa Brasil-UE do Instituto de Relações Internacionais (IRI/USP)*

Sumário

Jornadas Europeias: Brexit e UE-Brasil	1
A EU-Brazil Co-operation at the multilateral level	2
O Acordo Econômico e Comercial Global (CETA)	4
Agenda	5

Jornadas Europeias: Brexit e UE-Brasil

João de Souza Trigo*

Na manhã do terceiro dia do evento “Jornadas Europeias” que aconteceu na Universidade de Direito da USP, as apresentações da primeira mesa expositiva tiveram duas palestrantes: a professora Laura Pereira da Universidade do Minho, Portugal, e a professora Carolina Pavese da PUC Minas. Os temas foram, respectivamente: A União Europeia pós-Brexit: Um ator no fio da navalha e “EU-Brazil Cooperation at the multilateral level: The Lack of a Partnership”.

A União Europeia pós-Brexit: Um ator no fio da navalha

Logo no começo de seu discurso, Pereira já traça um panorama negativo no sentido do que acontecerá após a consolidação da saída do Reino Unido da União Europeia. Diz ser um “terremoto de grandes proporções não só no Reino Unido, mas em toda a Europa e também em sua rede de aliados estratégicos”. Ainda assim, a própria perspectiva do Brexit é muito difícil de se calcular, até mesmo pela remota possibilidade de revogarem a saída por meio de uma jogada política engenhosa, ou seja, o desfecho não é sabido e seria, para a professora, muita pretensão e falta de profissionalismo ficar traçando futuros deterministas sobre o tema.

Contudo, a Europa definitivamente mergulhou em um enorme cenário de incredibilidade tanto internamente quanto externamente, e o próprio bloco, como o maior fomentador e incentivador do ideal da integração regional começa, com esse episódio, a ser questionado sobre a validade e a eficiência da integração e do estabelecimento de uma organização entre os Estados membros que se torna quase tão soberana e autônoma quanto os próprios membros que a constituem. Quebrou-se assim o tabu de que ninguém sairia da UE. Esse é o momento de a organização repensar seus mecanismos normativos e decisórios internos e impedir que o Brexit sirva como um gatilho para outras nações saírem, na opinião da especialista.

Há de se considerar também a possível desagregação dentro do próprio Reino Unido, com a possível saída da Escócia e da Irlanda do Norte para permanecerem dentro do bloco continental, de acordo com o resultado do eleitorado desses dois países.

Além do fator da possível desagregação interna do Reino Unido, também deve ser levado em conta os abalos que o jogo político dentro da UE irá sofrer, pois Londres sempre foi um ator diplomático e servia como um elemento estabilizador entre o polo francês e o germânico, além de ser o principal aliado dos Estados Unidos na Europa, ainda possui assento no Conselho de Segurança da ONU, a maior praça financeira da Europa e também o maior exército. Esse abalo do jogo político já está sendo percebido no continente. A Alemanha já mostra evidências que irá aumentar o seu esforço em assumir o papel de liderança da integração regional frente à França.

Para finalizar sua palestra, Laura Pereira afirmou que “a maneira como a UE responder às consequências inusitadas do Brexit é o que irá definir seu futuro e sucesso”.

“EU-Brazil Co-operation at the multilateral level: The Lack of a Partnership”

Em seguida, Carolina Pavese, Coordenadora do Curso de Graduação Em Relações Internacionais, Campus Poços de Caldas (PUC Minas) iniciou sua palestra sobre as parcerias estratégicas entre o Brasil e a UE e já logo no início afirmou que a situação de “crise de identidade da UE” é um fator desestabilizador dessa relação. Por sinal, afeta as relações do bloco com outros quaisquer que sejam seus parceiros, mas especificamente, no caso do Brasil, a parceria está diminuindo de intensidade. Em parte, pela atual situação política e econômica do país e em parte pelo desinteresse que a Europa apresenta em intensificar sua parceria com o Brasil nesse momento conturbado que ela também passa: crise na Ucrânia, crises econômicas, situação instável com a Rússia, crise de refugiados e ameaças e ataques terroristas.

No entanto, a palestrante, a despeito da situação mais recente, traça um panorama mais abrangente também e é inegável que com o tempo a parceria entre esses dois atores se intensificou muito. Como uma das principais propostas da UE é a integração entre as nações, sua política externa busca sempre incentivar relações bilaterais, tanto como fim, mas também como meio para que se alcance um nível eficaz de relações multilaterais, pois o bloco europeu partilha do ideal que “os desafios globais só podem ser enfrentados através de um quadro multilateral em uma ONU forte”, segundo Pavese.

As alianças que podemos observar entre Brasil e UE são, na maioria das vezes, pontuais, ou seja, não se tratam de parceiros inseparáveis. O Brasil não irá abrir mão de deixar de ser um líder do Sul mundial para se submeter aos desejos e ambições europeias que vão contra às dos países em desenvolvimento. Por isso mesmo, que por mais que as relações entre esses dois atores tenham se intensificado, não se pode dizer que há uma política coesa em temas chaves no sistema global, ou seja, para que se intensifique a parceria, deve-se pensar também uma política externa conjunta.

Segundo análise da especialista, os temas específicos de regimes internacionais que os atores mais divergiram suas opiniões nos últimos 10 anos foram os de mudança climática, comércio e o de direitos humanos. Em nenhum desses temas há uma parceria essencial, no entanto o que mais avançou foram as relações bilaterais no diálogo em áreas técnicas e científicas. Ainda assim, para finalizar sua palestra, Pavese alerta que um dos determinantes centrais para a divergência das parcerias está muitas vezes internalizado nas instituições e seus métodos de decisão, que não incentivam o diálogo genuíno e adequado, além de uma má vontade, às vezes, dos policymakers em negociar e alcançar acordos mais mutuamente benéficos, produtivos e duradouros.

João de Souza Trigo é aluno de graduação
do Bacharelado em Relações Internacionais da USP
e pesquisador junior do Caeni-USP

O Acordo Econômico e Comercial Global: um passo a frente na conclusão de acordos comerciais?

Daniela Ferreira Gomes de Matos*

Dra. Kirstyn Inglis*

O Acordo Econômico e Comercial Global (CETA, em inglês) foi adotado pelo Conselho e assinado pela União Europeia e Canadá em 30 de Outubro de 2016. O acordo é uma tentativa de livre comércio entre ambos e uma vez aplicado, ela irá eliminar os taxas aduaneiras, eliminar as restrições ao acesso aos contratos públicos, abrirá o mercado de serviços, oferecerá melhores condições aos investidores e ajudará a impedir a cópia ilegal das inovações da UE e dos produtos tradicionais.

A controvérsia do CETA sublinha os desafios consideráveis enfrentados pelos acordos comerciais multilaterais hoje e vem como consequência da falha do TTIP e acordos de apoio. O Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (APT), mais conhecido como TTIP, foi uma tentativa de acordo de livre comércio entre a União Europeia e os Estados Unidos. A controvérsia do CETA surge ainda em um momento no qual a confiança entre as nações que procuram manter uma integração suave e intensa é desafiada: por exemplo, a intenção declarada do governo britânico de se retirar da União Europeia (após o referendo “Brexit” de junho de 2016); e também, as atuais intenções declaradas do presidente eleito dos EUA em reverter os compromissos climáticos dos EUA sob o Acordo de Paris.

As etapas para implementação do acordo CETA consistem na assinatura do mesmo, aplicação provisória do acordo e, posteriormente, um pedido de aprovação do Parlamento Europeu para a entrada em vigor do acordo. Durante o seu processo de assinatura, houve o bloqueio da mesma pela região de Valónia, na Bélgica, devido à suposta falta de proteção das normas sociais e ambientais e agricultura europeia por parte do acordo, sendo esses motivos trazidos pelo parlamento da Valónia.

No entanto, é verdade que foi dado aos belgas pouco tempo para resolver procedimentos constitucionais infamemente difíceis e, no final, a Bélgica de fato ratificou o acordo, embora um pouco tarde. Como colocou André Antoine, presidente do parlamento de Valónia, "um ultimato não é compatível com um processo democrático", mostrando o descontentamento belga com o prazo fornecido.

O veto no Parlamento regional belga, assim como de qualquer outro membro da UE, tem caráter decisivo em processos dessa natureza, já que é necessário o aval unânime dos 28 Estados-membros para validar o acordo alcançado com o Canadá. Esse processo também explicita a complexidade constitucional de unir parceiros muito distintos, pequenos e grandes, e a normalidade do processo de mudança de circunstâncias dentro de democracias. Com sua assinatura em Outubro desse ano, durante uma cúpula dos líderes da UE e do primeiro-ministro canadense Justin Trudeau, há o início do processo de ratificação interno dos parlamentos nacionais da União Europeia e do parlamento canadense, tendo todos esses que concordar com o acordo e os termos para sua implementação.

**Daniela Ferreira Gomes de Matos é aluna de graduação do Bacharelado em Relações Internacionais da USP e pesquisadora júnior do Caeni-USP*

**Dra. Kirstyn Inglis, Professora Visitante
Vice-Coordenadora do Programa Brasil UE
Instituto de Relações Internacionais (IRI)/USP*

O apoio da Comissão Europeia para a produção desta publicação não constitui concordância com seu conteúdo, que é de responsabilidade exclusiva dos autores. A Comissão não é responsável por qualquer uso que possa ser feito da informação contida nesta publicação.

AGENDA

No dia **24 de novembro de 2016**, a Professora Manuela Guilherme da Universidade De Coimbra e Marie Skłodowska Curie Colaboradora de Pesquisa, lecionará a **palestra GLOCADEMICS** para apresentação *Pesquisa sobre a pesquisa, plurilinguismo comunicação/interação cultural epistemológica intercultural na dinâmica Sul-Norte.*

EXPEDIENTE

Coordenador:	Amâncio Jorge de Oliveira
Editora-chefe:	Janina Onuki
Editora-executiva:	Kirstyn Inglis
Subeditora:	Daniela Ferreira Gomes de Matos
Pesquisadores que colaboraram nesta edição:	Daniela Ferreira Gomes de Matos, Caliel Calves da Costa, Guilherme Gonçalves Mélo, Janina Onuki, João de Souza Trigo, Rafael Nunes Magalhães
Assistente executiva:	Vanessa Munhoz



Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

